

Jorge Luis Borges e o ofício de Poeta

Poucos escritores como o celebrado autor de *El Aleph* terá sido um "devorador de livros" ao longo dos seus oitenta e tantos anos de vida. Para Borges, a vida e os livros, a biblioteca e a memória, o conhecimento e a erudição literária, pôde realizar ou consumir-se numa obra ímpar e louvada em diferentes partes do mundo e, à medida que é melhor lida e conhecida, nos revela todos os arcanos da inteligência, da sabedoria e da eternidade.

Este Ofício de Poeta, que aparece agora em tradução portuguesa com a chancela da "Teorema" (editora que se não cansa, depois da *Obras Completas* em 4 vols., de revelar o que ainda anda disperso e se afirma como "material" literário digno de registo para a integral divulgação da obra borgiana), traz ao nosso conhecimento todo um saber literário de que Borges é de facto um supremo arauto: trata-se de um conjunto de seis lições ou conferências feitas na Universidade de Harvard, entre Outubro de 1967 e Abril de 1968, recuperadas a partir das gravações da época e em que o autor de *O Fazedor* aborda o enigma da Poesia, fala acerca da metáfora, da música da palavra e da tradução de poesia, e ainda do ofício de Poeta, sempre numa linguagem erudita e cuja memória se não perdeu no reino da sua cegueira total ao longo de anos. E, depois de alcançar a sua absoluta sabedoria das coisas e do mundo, o mesmo Borges pôde confessar numa das suas lições: "Encontrei alegria em muitas coisas - nadar, escrever, contemplar um nascer ou um pôr do sol, apaixonar-me, etc. -, mas de certo modo o facto central da minha vida tem sido a existência de palavras e a possibilidade de as tecer em poesia". E é realmente o que Borges faz neste *Ofício de Poeta*, que se afirma como uma bela introdução para a melhor e mais exacta compreensão de toda a sua obra literária.

Jorge Luis Borges
ESTE OFÍCIO DE POETA
Tradução de Telma Costa
Ed. Teorema / Lisboa, 2002.